

## ENTREVISTA COM MAURÍCIO SANTANA DIAS



Germana Henriques PEREIRA<sup>i</sup>  
Universidade de Brasília

Alexandre PILATI<sup>ii</sup>  
Universidade de Brasília

**M**aurício Santana Dias<sup>iii</sup> é professor de Literatura Italiana e de Estudos da Tradução na Universidade de São Paulo (USP) desde de 2004 e é também tradutor e crítico literário. Com relação à sua formação acadêmica, é doutor em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada (2002) pela Universidade de São Paulo e mestre em Letras – Ciência da Literatura (1996) e graduado em Português – Italiano (1991) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entre 2008 e 2009 fez pós-doutorado em italianística na *Università degli Studi di Roma La Sapienza*, Itália.

257

1. *Você falou que ninguém quando criança deseja ou imagina ser tradutor quando crescer. Como você se tornou tradutor? E de literatura italiana, sobretudo?*

Eu fiz essa afirmação no contexto de uma antiga entrevista que fiz com o Paulo Henriques Britto no extinto suplemento “mais!” da Folha de S. Paulo, em 2000. A ideia básica é que o tradutor ainda não é visto propriamente como um escritor – coisa que ele de fato é –, mas como uma espécie de “facilitador” para leitores que não têm a possibilidade de ler numa determinada língua estrangeira. Por isso, apesar da relevância que esse tipo de escrita (a tradução, e mais especificamente a “tradução literária”) tem merecido nas últimas duas ou três décadas, tanto no meio acadêmico quanto no ambiente editorial, o tradutor continua sendo uma figura um tanto esquecida. Dou um exemplo: recentemente fui a uma leitura dramática de uma obra de Pirandello que alternava a minha tradução com o texto em italiano. A certa altura, perguntaram ao organizador-leitor do evento de quem era a tradução, e nenhum deles soube responder. Então posso concluir razoavelmente que a grande maioria que

lê literatura estrangeira traduzida no Brasil não sabe quem é o autor da tradução e às vezes nem sequer se dá conta de que existe uma tradução mediando seu ato de leitura.

Falando em leitura, acho que me tornei tradutor basicamente por causa desse hábito. Quando você começa a ler muito desde cedo, a certa altura passa a se interessar não só por aquilo que um texto “diz”, mas também pelo modo como certos pensamentos, conceitos e imagens são expressos. Enfim, você se torna um observador da linguagem e de seus mecanismos internos. Depois de ter lido muita literatura brasileira e literatura estrangeira em tradução, comecei a estudar outras línguas e a pensar, durante a leitura, como aqueles textos – romances, contos, ensaios, poemas etc. – poderiam ser reescritos em minha língua, e aí, na adolescência, passei a fazer o que a gente poderia chamar de exercícios de tradução. Ia traduzindo pequenos textos e guardando na gaveta, sem nenhum outro propósito que não “o prazer do texto”.

Quando chegou a hora de prestar o vestibular, em 1985 – início da redemocratização do país, me lembro bem –, fiz a opção pelo curso de Letras, de início Letras Vernáculas. Mais tarde, um pouco por já saber italiano, um pouco por acaso, fui para a área de Literatura Italiana e me graduei nela pela UFRJ. Mas só começaria a traduzir profissionalmente, digamos assim, quando já estava no mestrado em Teoria Literária, também pela UFRJ. E o primeiro livro que traduzi foi “Consumidores e cidadãos” (Ed. UFRJ), do antropólogo argentino Néstor G. Canclini, escrito em espanhol.

258

## 2. *De onde vem essa paixão pela língua e literatura italianas?*

Embora eu não tenha nenhuma ascendência italiana, há um fato biográfico que, de algum modo, me aproximou da cultura italiana: minha primeira mulher, a quem me juntei bem cedo, era filha de italiano e brasileira. E minha primeira viagem pela Itália foi com ela, quando eu tinha apenas 18 anos de idade. Então isso obviamente contribuiu bastante nesse primeiro contato, digamos assim. Mais tarde, com minha formação na área de italianística e sobretudo depois que me tornei professor de Literatura Italiana e Estudos da Tradução da USP, foi natural que eu me dedicasse quase exclusivamente à tradução de obras em língua italiana. De resto, a literatura e a cultura italianas têm um vasto, riquíssimo território a ser explorado, o que me deixa muito entusiasmado.

3. *Seus autores preferidos para traduzir? Quais aspectos do estilo desses autores são relevantes para a tradução? Digo, o desafio da tradução deles consiste em quê?*

Difícil dizer. No fim das contas, respondendo com um truísmo, meu autor preferido é o que eu estou traduzindo no momento. O que mais me anima é a variedade quase infinita dos textos, por isso não me concentro ou especializo em um determinado autor ou num gênero específico. Procuro sempre a multiplicidade, sou um tradutor democrático. Por isso, no campo da cultura italiana, já traduzi um pouco de tudo, de literatura clássica a contemporânea, de tratado filosófico a HQ, de poesia a história da arte. E em cada momento o entusiasmo se renova. Mas também é fato que certos autores vão se tornando recorrentes, como Giacomo Leopardi, Pirandello, Cesare Pavese, Primo Levi, Italo Calvino – escritores com os quais, não por acaso, estou trabalhando permanentemente em meus cursos na USP.

4. *Você traduz autores clássicos e contemporâneos, o que te levou a refletir sobre o tempo da e na tradução. Você pode falar para nós um pouco mais desse entretempo, como você o chama?*

A tradução sempre se dá no tempo presente do tradutor, embora ela possa lidar com textos contemporâneos ao tradutor ou não. A partir desta constatação óbvia, o ponto central de minhas inquietações poderia se desdobrar do seguinte modo: eu estou diante de um determinado texto estrangeiro – poema, romance, conto, ensaio, tratado, HQ etc., escritos em diversas épocas – e vou ler minuciosamente esse texto buscando reconhecer nele suas estratégias retóricas para, em seguida a essa *experiência*, refletir sobre o melhor modo – *melhor* segundo minhas coordenadas culturais, minhas referências, meu contexto, minha subjetividade de leitor – de reescrevê-lo em minha língua.

É dessa interpretação “datada” (no sentido de situada no tempo histórico), resultante de um confronto amigável, e não de subordinação (lembro o belo ensaio de Maurice Blanchot sobre tradução num livro intitulado justamente *A amizade*) entre tempos e culturas distintas, que se consubstancia o texto traduzido. Uma consequência a meu ver muito salutar dessa tomada de posição é que ela joga por terra uma outra palavra-chave que tem sido a cruz de muitos tradutores: me refiro ao conceito de *equivalência*. Dessa perspectiva, o conceito de equivalência não pode se dar entre texto-fonte e texto-alvo, língua de partida e língua de chegada, pois são polos necessariamente diferentes. Muito menos de *fidelidade* entre um e

outro. Se há que se falar em fidelidade, ela se daria entre o projeto que o tradutor assume para si e o texto resultante desse projeto.

5. *Com relação ao que se traduz e se publica hoje no Brasil, quais são os autores injustiçados, o que você reveria em algumas edições de tradução?*

Um dos maiores problemas que eu vejo é que o mercado editorial tende cada vez mais a publicar autores de retorno quase garantido, arriscando-se pouco em novos nomes, sejam eles antigos ou contemporâneos. Além disso, há uma predominância esmagadora da cultura de língua inglesa e mais especificamente norte-americana em relação às outras. Estes são dados de fato, matéria para uma sociologia da tradução.

Quanto à literatura italiana, diria que os principais “clássicos” estão traduzidos, alguns excelentemente traduzidos: Dante, Petrarca, Boccaccio, Ariosto, Maquiavel, Tasso, Galileu, Manzoni, Leopardi, Verga e a enorme quantidade de autores do século XX, de Pirandello e Svevo a Calvino e Natalia Ginzburg, chegando aos contemporâneos Tabucchi e Elena Ferrante.

260

A ampliação e renovação desse repertório vai depender muito do aumento de bons tradutores na área, e nesse sentido os cursos de Letras e Tradução têm um papel fundamental. E seria muito desejável que as editoras abrissem mais espaço para que os tradutores se manifestassem sobre a obra que eles traduzem, em notas, prefácios, apresentações e outros tipos de paratexto.

6. *Você afirma que desenha um "projeto" de tradução para cada um dos textos que irá traduzir. Há parâmetros regulares para este projeto ou cada obra determina caminhos diferentes?*

Penso que toda boa tradução parte necessariamente de um “projeto”. Mas esse projeto, a meu ver, não pode de modo nenhum se submeter a universais ou a conceitos apriorísticos sobre o que deva ser a tradução. Não acho possível nem desejável que, durante o processo de tradução, se apliquem modelos teóricos, esta ou aquela abordagem.

Dizendo de outro modo, a leitura da enorme bibliografia dos Estudos de Tradução é relevante para abrir as perspectivas do tradutor sobre sua experiência tradutória, mas seria deletéria caso restringisse seu campo de atuação e suas escolhas. O processo decisório deve ser o mais amplo e livre possível, e informado no embate do tradutor com o texto. Então os

estudos no nosso campo, que tem autonomia própria e não deveria ser pensado como instrumental para tradutores, pode ampliar e afiar a reflexão do tradutor sobre seu ofício, e não servir como “parâmetros regulares”. A consequência disso é que o projeto de tradução de cada texto irá se beneficiar de todas as referências culturais do tradutor, mas suas balizas serão dadas pelo próprio texto a ser traduzido.

7. *Você acredita que a tradução de poesia encerra um desafio maior do que a tradução da prosa ficcional? Que elementos da linguagem poética mais lhe exigem atenção e dedicação no momento da tradução?*

Não necessariamente. Há certa prosa muito mais complicada que tanta poesia. Mas sem dúvida a poesia, mesmo aquela que se faz com o verso livre, tem um nível de formalização, um repertório de formas fixas e lugares-comuns, que a prosa não tem. Como vou traduzir um sextina se não conheço os elementos formais que constituem esse tipo de poema? Como reescrevo o hexâmetro homérico ou o pentâmetro jâmbico shakespeariano no português do Brasil do século XXI? Como reconheço os traços formais e a tradição com que um determinado poema dialoga? Nesse sentido, a tradução do poema demanda um conhecimento técnico do tradutor que a prosa nem sempre requer. Mas ambas as modalidades sempre vão exigir do tradutor uma leitura muito atenta dos aspectos micro e macrotextuais, desde os elementos sonoros e rítmicos do texto às suas polissemias. Reconhecer esses traços dominantes do texto-fonte e reinventá-los em minha língua é o grande desafio e o grande prazer da tradução, pelo menos para mim.

261

8. *Qual você julga ser o papel da tradução na dinâmica de um sistema literário de país periférico como o Brasil?*

A literatura traduzida no Brasil ocupa um lugar central no nosso polissistema literário, e não poderia ser diferente. Mas o fato é que ela quase não aparece nas muitas histórias da literatura brasileira que foram escritas. É uma história que ainda está por ser escrita e repensada, mas aqui e ali, em revistas especializadas e em centros de Estudos da Tradução como os da UnB, da UFSC, da USP, da UFC, da Unesp, da PUC – para citar apenas alguns –, esse continente submerso tem vindo à tona.

9. *Que textos de literatura e de crítica foram importantes na sua formação como professor e tradutor. Por quê?*

Não daria para citar esse ou aquele texto. Com o passar do tempo a gente vai, cada leitor a seu modo, formando uma biblioteca pessoal e, no meu caso, muito idiossincrática e heterogênea. Acho que o bom é perceber essa formação como processo inacabado, sempre em expansão, em que os livros vão se acumulando e dialogando entre si. E todo esse repertório acaba de algum modo sendo mobilizado no momento da sala de aula, que também vejo como um espaço dinâmico e em aberto.

10. *Como é a repercussão da literatura brasileira na Itália hoje? Há um projeto de tradução sistemática de nossas obras em curso ou não se verifica esse movimento? A Universidade pode em alguma medida contribuir para a difusão de nossa literatura no exterior?*

Acho que todas as instituições, tanto do setor público como privado, deveriam contribuir para essa difusão da cultura brasileira em outros países, como, aliás, fazem os americanos, os franceses, os alemães, espanhóis, italianos etc. Infelizmente, no Brasil, as iniciativas nesse sentido me parecem ainda muito tímidas, apesar de esforços pontuais como a bolsa de tradução de obra brasileiras da Biblioteca Nacional, por exemplo. Posso estar enganado, mas não vejo um movimento forte e coordenado de fundações privadas, órgãos diplomáticos, editoras, bibliotecas e outros agentes no sentido de ampliar a presença da cultura brasileira para fora de nossas fronteiras. Enfim, isso não é visto como algo estratégico – estratégico inclusive do ponto de vista econômico, como bem sabem esses países que citei. O pior é que, neste momento político do Brasil, educação, ciência e tecnologia estão longe de ser prioridade. Neste cenário, a difusão de nossa literatura lá fora, mesmo entre nossos vizinhos do Mercosul, acaba sendo muito, muito tímida. Quanto às universidades, sobretudo as universidades públicas, onde se faz pesquisa, torço para que elas sobrevivam a este momento adverso.

262

**RECEBIDO EM:** 10 de julho de 2017

**ACEITO EM:** 20 de agosto de 2017

**PUBLICADO EM:** dezembro de 2017

---

<sup>i</sup> Germana Henriques PEREIRA. Possui graduação em Licence em Portugais (1987) e en Français Lettres Modernes (1988) e Maitrise em Lettres Modernes (1989) pela Université de Rennes II, França. Mestre (1998) e Doutora (2004) em Literatura pela Universidade de Brasília. É Professora Associada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET, da Universidade de Brasília (UnB), desde 1992. Concebeu o Mestrado Acadêmico em Estudos da Tradução (POSTRAD) e foi coordenadora do Mestrado Acadêmico em Estudos da Tradução (POSTRAD) de 2011 a 2012 e de 2015 a 2016. É atualmente coordenadora do Núcleo de Estudos em História da Tradução e Tradução literária (NETHLIT), também da UnB. Desde dezembro de 2016 é Diretora da Editora UnB. É organizadora da Coleção Estudos da Tradução publicada desde 2015 pela Editora Pontes. É desde 2011 editora-chefe da Revista *Belas Infiéis*. Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5479032498605468>

E-mail: [germanahp@gmail.com](mailto:germanahp@gmail.com)

<sup>ii</sup> Alexandre Simões PILATI. É mestre (2002) e Doutor (2007) em Literatura pela Universidade de Brasília. É Professor Adjunto 4 de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6004431804659763>

E-mail: [alexandre\\_pilati@yahoo.com.br](mailto:alexandre_pilati@yahoo.com.br)

<sup>iii</sup> Maurício Santana DIAS. São Paulo, São Paulo, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9706850974386002> E-mail: [mauriciosd@usp.br](mailto:mauriciosd@usp.br)